

## ENTRE MITOS E FALÁCIAS: REDISCUTINDO A URBANIZAÇÃO NA NOVA FRONTEIRA GLOBAL

MARTINE, G.; MCGRANAHAN, G.; MONTGOMERY, M.;  
FERNÁNDEZ-CASTILLA, R. (Eds.). *The new global frontier:  
urbanization, poverty and environment in the 21st century.*  
London: Earthscan, 2008. 386 p.

*Tathiane Mayumi Anazawa\**

As cidades concentram vários fenômenos que ocorrem concomitantemente e em diferentes escalas. Se por um lado o crescimento populacional nas cidades e suas consequências são colocados como desafios, por outro, é na cidade que o futuro precisa ser planejado, ou seja, o bem estar da humanidade depende diretamente da forma com que o mundo está se preparando para o inevitável crescimento da população, principalmente em áreas em desenvolvimento. A discussão está posta: a nova fronteira global é representada pelos centros urbanos dos países com baixa e média renda. O contexto? Países da África, Ásia e América Latina que concentrarão os maiores crescimentos da população mundial, considerando assim os desafios demográficos, econômicos e ambientais que essas cidades já enfrentam no século XXI.

O livro editado por George Martine, Gordon McGranahan, Mark Montgomery e Rogelio Fernández-Castilla dialoga com as transformações urbanas já ocorridas e as que estão em curso neste

---

\* Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas – SP, Brasil (tathimay@gmail.com). Recebido em: 14/03/2015 – Aceito em: 20/05/2015.

século, bem como os potenciais desafios que serão enfrentados pelos formuladores de políticas, que muitas vezes já encontram uma visão negativa, em meio a mal entendidos passíveis de correção. O livro é aberto com uma introdução dos editores, discutindo sobre a urbanização e o crescimento urbano que são vistos de forma negativa pelos formuladores de políticas, embasados nas seguintes falácias: todos os países em desenvolvimento passam pela mesma transição urbana; a maior parte do crescimento está ocorrendo nas mega-cidades; os pobres são minoria nos centros urbanos, além de serem considerados como um atraso para a economia urbana; a urbanização leva à degradação ambiental; e os governos devem tentar controlar a migração rural e urbana.

Os autores procuram, então, pela desmistificação dessas falácias postas como mal entendidos, os quais este livro procura compreender, com o objetivo de refletir sobre o futuro das cidades, indicando que políticas adequadas podem auxiliar na diminuição da pobreza e danos ambientais.

O livro está dividido em cinco partes que alocam os capítulos referentes a cada temática. A “Parte I – Transições urbanas”<sup>1</sup>, formada por três capítulos, discute sobre os equívocos de que o crescimento urbano é resultado principalmente da migração e que a população está concentrada em megacidades. A reflexão sobre esses equívocos e incertezas são discutidos por Mark R. Montgomery, com o capítulo intitulado “A demografia da transição urbana: o que nós conhecemos e o que não conhecemos”. O capítulo seguinte “Urbanização, pobreza e iniquidade: a migração rural-urbana é um problema da pobreza ou parte da solução?”, dos autores Cecilia Tacoli, Gordon McGranahan e David Satterthwaite, segue debatendo a separação artificial que ocorre entre populações rural e urbana nas discussões sobre políticas de desenvolvimento, o que dificulta a compreensão desse fluxo migratório como parte da solução da pobreza, desmistificando a migração rural-urbana como um indutor do crescimento urbano. O terceiro capítulo que compõe e finaliza a Parte I é “Transições demográfica e urbana

---

<sup>1</sup> Todos os títulos foram traduzidos pela autora.

em um sistema global e respostas políticas”, de Ronald Skeldon, que reposiciona a transição urbana no contexto mais amplo da transição demográfica, procurando discutir sobre a possibilidade de uma segunda transição urbana.

Conhecer os benefícios da urbanização e do desenvolvimento urbano faz parte do arcabouço de discussões referentes à pobreza urbana. Sendo assim, a Parte II é composta por quatro capítulos que têm como eixo agregador a relação entre o ritmo da urbanização e o crescimento econômico. Mostrar as principais e potenciais respostas para o fracasso das políticas de enfrentamento da pobreza urbana auxilia na compreensão e planejamento de ações futuras, como os quatro capítulos desta seção discutem. O capítulo 4 “Terra e serviços para os pobres urbanos em países com rápida urbanização”, de Gordon McGranahan, Diana Mitlin e David Satterthwaite, aborda justamente as falhas do passado, referentes a políticas (ou a falta delas), tanto no âmbito público quanto privado, voltadas para os pobres urbanos. Estes que, na maior parte das vezes, demandam por moradia e serviços ambientais e não são atendidos pelo mercado imobiliário vigente.

Seguindo a discussão sobre moradias informais, o capítulo 5, “Informalidade e pobreza nas políticas urbanas da América Latina”, de Martim O. Smolka e Adriana de A. Lorangeira, reforça a discussão apresentada no capítulo anterior, visando discutir as políticas ineficazes para amenizar o problema das moradias informais na América Latina. Nesse sentido, Shlomo Angel, com o capítulo 6 “Preparando para a expansão urbana: a estratégia proposta para as cidades intermediárias do Equador”, consegue exemplificar, com as experiências de cidades de médio porte do Equador, políticas para a acessibilidade de terras por parte dos pobres urbanos. Finalizando esta seção, Gabriella Y. Carolini apresenta o capítulo 7 “Organizações dos pobres urbanos e desenvolvimento urbano equitativo: processo e produto”, afirmando a importância dessas organizações nas últimas décadas e suas estratégias de desenvolvimento, que representam um movimento social de fato.

A “Parte III – O uso do espaço social e sustentável” traz para a discussão um conjunto de quatro capítulos, traçados por uma linha de análises e reanálises sobre a relação entre desenvolvimento urbano e meio ambiente. A discussão recente sobre essa relação é enfatizada pelos capítulos apresentados em seguida, que redireciona a atenção para questões de como e para onde as cidades estão crescendo. O capítulo 8 “Sustentabilidade urbana e mudanças ambientais globais: reflexões para uma agenda urbana”, de Roberto Sánchez-Rodríguez, apresenta uma abordagem multidimensional da sustentabilidade urbana, para melhor compreender a relação entre urbanização e mudança ambiental global, cujo olhar deve estar voltado para além da escala local, incluindo os processos regionais e globais que afetam esta escala local.

Seguindo com a Parte III, Gordon McGranahan, Deborah Balk e Bridget Anderson discutem sobre assentamentos urbanos em áreas de risco de alagamento e danos causados por tempestades no capítulo 9 “Riscos das mudanças climáticas para assentamentos urbanos em zonas costeiras de baixa altitude”. Os autores discorrem sobre a densidade das populações litorâneas e as medidas necessárias para evitar o desenvolvimento urbano em áreas de risco. O capítulo 10 “Urbanização e ecossistemas: padrões atuais e implicações futuras”, dos autores Deborah Balk, Gordon McGranahan e Bridget Anderson, apresenta as taxas de urbanização e crescimento urbano estimadas por setor ecológico, a partir da premissa de que é preciso conhecer para onde as áreas urbanas estão crescendo, uma vez que sua localização tem significância ambiental em escalas maiores. O último capítulo do bloco é escrito por Daniel Joseph Hogan e Ricardo Ojima, que apresentam o capítulo 11 “*Urban sprawl*: um desafio para a sustentabilidade”, realocando a importância da forma urbana nos estudos de sustentabilidade, a partir da revisão sobre o *urban sprawl* e a discussão entre concentração *versus* descentralização das cidades.

Partindo para um cenário de rápidas mudanças demográficas, como os padrões de fecundidade, a composição

etária e comportamento migratório, a “Parte IV – A nova face da demografia urbana e seus desafios” é composta por quatro capítulos que retratam a relação da dinâmica demográfica e sua relação com o ritmo e a forma do crescimento urbano. Iniciando este bloco, o capítulo 12 “Notas sobre as projeções da pobreza urbana-rural e o papel da migração”, de Ralph Hakkert, analisa a migração rural-urbana e seu impacto sobre a redução da pobreza, levantando questões como o acesso a serviços de saúde reprodutiva e suas consequências sobre o fluxo migratório rural-urbano. Já o capítulo 13 “Empoderamento das mulheres e igualdade de gênero no conjunto urbano: novas vulnerabilidades e oportunidades”, de Luis Mora, mostra que as áreas urbanas podem ser palco das remodelações das relações de gênero, posto que novas oportunidades de igualdade de gênero e empregos surgem no contexto urbano, para as mulheres. O capítulo ainda aborda questões inter-relacionadas como trabalhar fora de casa, as condições de vida das mulheres no meio urbano, a formação familiar e a participação social.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, sobre benefícios da urbanização e a demografia, os dois capítulos seguintes trabalham com jovens e idosos, respectivamente. O capítulo 14 “Jovens em um mundo urbano”, de Rogelio Fernández-Castilla, Laura Laski e Saskia Schellekens, chama a atenção para as oportunidades do bônus demográfico e suas implicações para os formuladores de políticas, já que a criação de empregos e investimentos em capacitação e educação requerem políticas específicas, que demandam maior tempo de execução. E o capítulo 15 “Urbanização e envelhecimento em países em desenvolvimento”, de José Miguel Guzmán e Paulo Saad, afirma que a urbanização pode trazer benefícios para a população idosa, mediante políticas específicas, citando a proximidade aos serviços, a melhoria na qualidade de vida dos idosos e rendimentos mais elevados em áreas urbanas.

Caminhando para a finalização da Parte IV, Lynn Collins, autora do capítulo 15 “Confrontando a urbanização e a epidemia de AIDS: uma faca de dois gumes”, analisa a complexa relação entre urbanização e AIDS. Relação essa que ainda não recebeu

a devida atenção na literatura recente. O lado positivo em potencial da urbanização sobre a AIDS compreende as melhorias socioeconômicas, difusão de informações, melhores serviços, além das organizações da sociedade civil, entre outros fatores. O último capítulo, “Fornecendo informações para o progresso social em áreas urbanas”, de Haroldo da Gama Torres, trata sobre informações socioeconômicas e demográficas, sua disponibilidade e necessidades ao nível local de governo. Esse último capítulo procura discutir sobre a invisibilidade dos pobres, a partir de descrições das informações disponíveis, seu grau de desagregação, os tipos de informações socioeconômicas e demográficas importantes para as políticas sociais locais, e por fim, as técnicas e metodologias para a aplicação dessas informações ao nível local.

Finalizando o livro, a “Parte V – Padrões regionais de urbanização e a relação com o desenvolvimento” tem como sua base de discussão, os diversos padrões de urbanização nas diferentes regiões do mundo, exemplificados pelas três principais regiões em desenvolvimento: África, Ásia e América Latina e Caribe. Esta seção conta com os capítulos referentes à África, de Michael J. White, Blessing U. Mberu e Mark A. Collinson, capítulo 18 – “Urbanização africana: tendências recentes e implicações”, além da Ásia, com os capítulos 19 – “Heterogeneidade socioeconômica na Índia urbana”, de S. Chandrasekhar e Abhiroop Mukhopadhyay e 20 – “A transição urbana na China: tendências, consequências e implicações políticas”, de Xuemei Bai. Por fim, a América Latina e Caribe são retratados por Jorge Rodriguez e George Martine, com o capítulo 21 – “Urbanização na América Latina e Caribe: experiências e lições aprendidas”.

Os capítulos presentes na Parte V reafirmam que as generalizações sobre os padrões de urbanização não podem existir frente a gama de exemplos presentes em diferentes regiões. A África Sub-Saariana, retratada por Michael J. White, Blessing U. Mberu e Mark A. Collinson, consiste na região que apresentará as maiores taxas de crescimento urbano no continente. Contudo, nesta região, a urbanização foi posta como a fonte de pobreza crescente e não como sinônimo de dinamismo econômico. Por outro lado, a Índia,

onde a economia é de rápido crescimento, apresenta um quadro de baixa urbanização. E o cenário da pobreza urbana crescente requer atenção, como mostram S. Chandrasekhar e Abhiroop Mukhopadhyay. Já Xuemei Bai apresenta o processo de transição demográfica na China, além de verificar que os recentes processos acelerados de urbanização são decorrentes das transformações radicais nas políticas de migração e economia. A América Latina e Caribe, por sua vez, compreendem a região com a transição urbana mais avançada. Conforme Jorge Rodriguez e George Martine mostram, muitos dos países dessa região já passaram pela transição urbana, e representam exemplos potenciais de experiências desse processo.

Os capítulos, de maneira geral, revisitam a urbanização para dialogar com suas temáticas específicas. Enfatiza-se em cada capítulo o otimismo presente frente ao processo de desmistificação das falácias sobre o processo de urbanização, resultando na emergência de novas visões e potenciais diálogos com os formuladores de políticas, tangenciados pela emergência de metodologias revisitadas para orientar as necessárias e novas políticas, além da questão da análise de escalas e suas inter e intra relações. Destacam-se também as tentativas de criação de políticas de controle de crescimento urbano nos países em desenvolvimento, tidas como fracassadas e infundadas.

O livro procura debater os benefícios da urbanização e desenvolvimento urbano, a partir dos capítulos que trazem as experiências concretizadas, as lições aprendidas e os potenciais desafios futuros para o século XXI. Objetiva dar o devido destaque à urbanização, suas implicações demográficas, econômicas, sociais e ambientais, mostrando as experiências vividas em diferentes regiões, por distintos grupos populacionais. Dessa forma, as experiências expressas nos diversos capítulos, auxiliam na construção de argumentos que possibilitem aos formuladores de políticas darem encaminhamento aos pontos incompreendidos e romper com os paradigmas previamente estabelecidos, ainda que bastante difundidos, para enfim especificar políticas a partir da diversidade encontrada na nova fronteira global.

